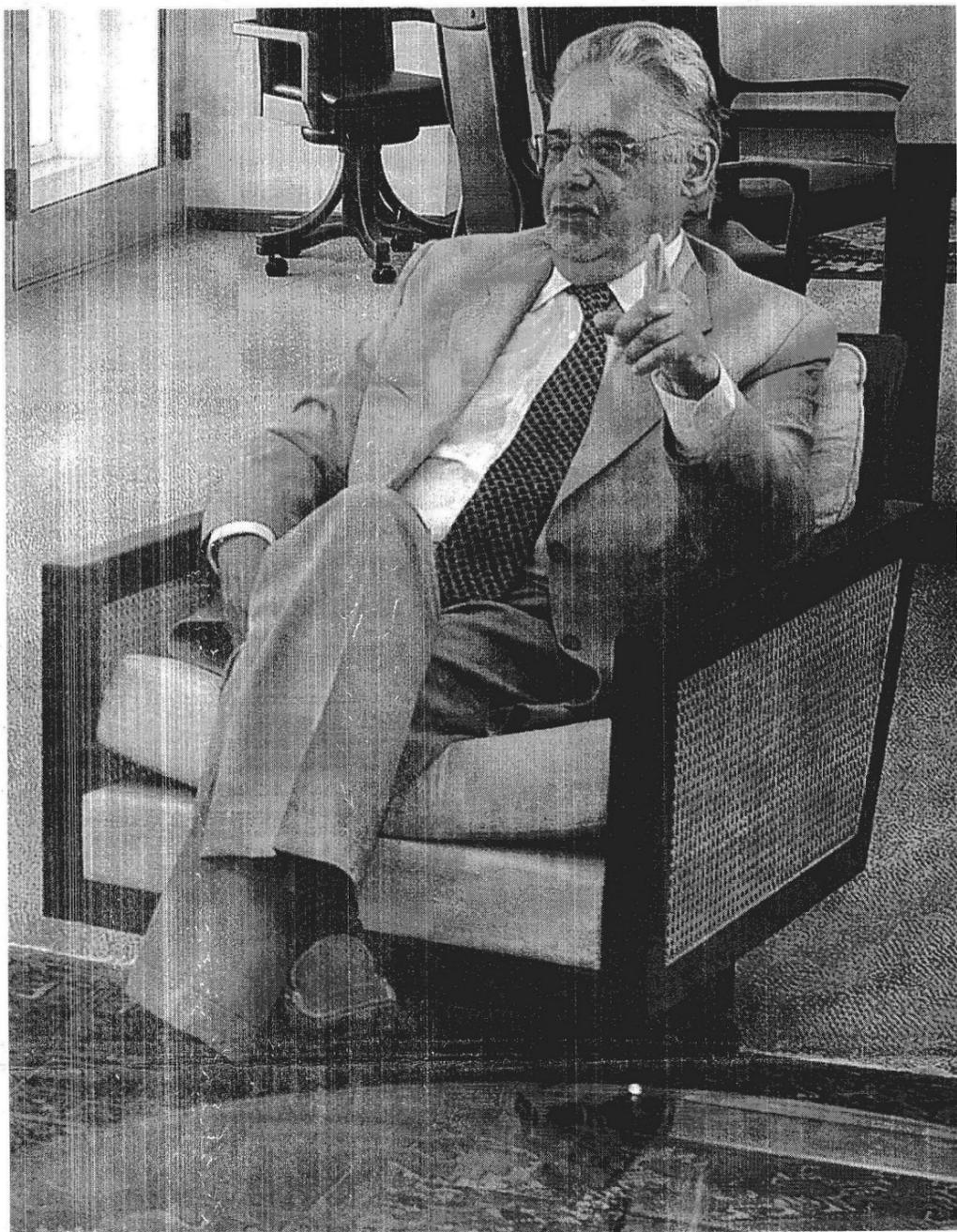


“Ele merece uma nota quatro”



Luiz Inácio Lula da Silva: “Ele é conservador, eu me enquadro na esquerda moderna”

mudou de idéia e de estilo.

Ainda no dia da posse, o pronunciamento noturno do presidente Jânio Quadros foi aquecido por pesadas acusações ao antecessor Juscelino Kubitschek. Começava a agonia concluída com a cassação

em meados de 1964.

Afastado pela farda da eleição marcada para o ano seguinte, JK conheceria as incontáveis estações do calvário só encerrado com a morte em 1976.

— Se disputasse em 1965, não ganharia — acha FH.

Só na hora do enterro a sigla famosa voltou a ser entoada em coro por multidões. Tarde demais. Sem meios de saber que seria redimido já no sepultamento, aquele mineiro — outrora risonho, extrovertido, alegre — morreu deprimido, solitário, infeliz. FH não mudou. Continua de bem com a vida. E assim se apresenta na manhã de quinta-feira, já com um olho perdido na contemplação do feriado da Páscoa. Na manhã de quinta-feira, o rosto do entrevistado distende-se sem esforço. Assim será ao longo da travessia da entrevista de 90 minutos.

“ O Brasil só terá futuro se ocorrer o indispensável avanço na área da educação

Terno bege escuro, meias sapatos marrom, camisa branca, gravata azul com estampas multicoloridas, FH trai o contentamento de quem chega a paisagens de cartão-postal — para outra palestra avaliada em 70 mil dólares.

“ A segurança pública hoje se transformou num problema do governo federal”

O destino seguinte tem algum charme, mas não é nenhuma Paris. Ele vai passar o feriadão a 70 quilômetros da capital, na casa em Ibiúna. Além dos encantos rurais, o lugar é valorizado pela vizinhança. Ali moram amigos dos tempos da USP, conta o homem recostado em sua poltrona na sala da presidência do Instituto Fernando Henrique Cardoso. Quem vira nome de entidade ainda em vida tem o direito de imaginar que a história lhe fará justiça.

— Não tenho motivos para arrependimento do que fiz — reitera. — Se voltasse no tempo, faria tudo de novo.

Parece exagerar outra vez. É compreensível que se gabe da vitória sobre a inflação obscena, enfim domada pelo Plano Real. É natural que reivindique direitos autorais pela consolidação da democracia, realçada por façanhas que incluem a criação do Ministério da Defesa, entregue ao civil Elcio Álvares. (Disso FH não chega a orgulhar-se. É bom que tenha sido um civil. Não precisaria ir tão longe e chegar ao parlamentar capixaba). Mas não seria exagerado proclamar que não há nada a corrigir em algum lugar no passado?

— No livro que acabei de lançar, conto que sempre me preocupei com o problema do câmbio — concede. — Hoje se sabe que teria sido melhor apressar a queda do valor do Real. Mas, na época, ninguém estava seguro quanto a isso.

O processo de privatizações não mereceria um e outro retoques?

— Não — replica. — Muitos adversários políticos criticam os critérios usados na área de telefonia, mas os resultados desmontam qualquer argumento. Antes, telefone era um sonho impossível para milhões de brasileiros. Isso não existe mais.

Animado com a candidatura do ex-governador Geraldo Alckmin, jura que não sofre da nostalgia do Planalto.

— Chegou a vez do Alckmin — declama. — Ele vai ganhar pelo que realizou enquanto governou São Paulo.

Caso esteja sem planos, é só consultar Fernando Henrique Cardoso. O ex-presidente tem idéias para mais de quatro anos no poder. Parece discurso de candidato. É só conversa de patriarca.

A essência do discurso não mudou. Mudou a relação de temas que estimulam o raciocínio rápido do ex-presidente. FH agora discorre com surpreendente intimidade sobre questões que não mereceram o status de prioridade nos oito anos de poder. O sistema de segurança em decomposição, por exemplo.

— Esse problema assumiu dimensões que o transformam numa questão nacional — diz. — O combate ao crime organizado envolve governos estaduais e prefeituras, mas cabe ao governo federal liderar o esforço pela recuperação do terreno perdido.

O tom veemente sugere que FH comandaria tais operações com muito prazer. Terá de conformar-se, caso Alckmin se eleja, com o papel de grande conselheiro. E também serão bem-vindas os frutos das reflexões de FH sobre dois outros temas.

— A redução da máquina administrativa é a tarefa mais urgentes — avisa. — Nenhum ministério deve ultrapassar o limite de vinte cargos de confiança. Acima disso o que ocorre é o aparelhamento do Estado.

Ele acompanhou inquieto a engorda promovida pelo governo do sucessor, que permitiu a ultrapassagem do limite dos 20 mil premiados com contracheques federais. Essa multidão de protegidos, garante FH, exerceu missões relevantes na ofensiva contra os cofres públicos. O ataque foi neutralizado pela descoberta do mensalão, mas o perigo ainda mora ao lado.

— A ação dos corruptos é agravada pela sensação de impunidade — lamenta. — Horas depois de divulgado o documento do procurador-geral da República, um ministro do Supremo Tribunal Federal declarou que os processos só seriam concluídos no próximo ano. Isso não pode acontecer. A Justiça tem de ser menos lenta. E os culpados têm de acabar na cadeia.

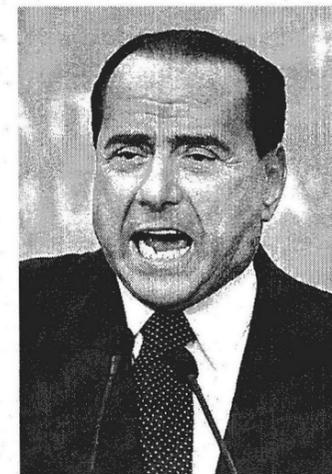
Avesso a beligerâncias, homem de gestos suaves, FH aprendeu a remover tumores com delicadeza. A longa passagem pela Presidência parece ter-lhe ensinado a adivinhar a hora da operação cirúrgica. É o que propõe enquanto contempla o Vale do Anhangabaú. Está pensando em bermudas e livros.



“ Alckmin é um bom candidato. Basta mostrar o que fez em favor de São Paulo



“ Hugo Chávez precisa esquecer essas antiquadas acusações aos imperialistas



“ Berlusconi tem semelhanças notáveis com a esquerda retrógrada